

**FRONTEIRAS: apontamentos sobre as representações
de uma ambiência histórica.**

Eudes Fernando Leite *

A fronteira deixou há muito tempo de ser entendida exclusivamente como um fenômeno político-administrativo entre estados e nações e passou a ser pensada como uma ocorrência histórica entre sociedades, no interior da qual repousam “n” aspectos merecedores de atenção. Essa circunstância permite que a noção de fronteiras também escapasse de análises inspiradas na geopolítica, permitindo que pesquisadores de áreas diversas se ocupassem do tema.

Esta pesquisa contempla experiências vitais, de características históricas, em âmbito fronteiriço, especificamente entre o Brasil, o Paraguai e a Bolívia. Seu enfoque de maior expressão se dá sobre as diversas relações históricas produzidas na Fronteira e que podem indicar os mecanismos de construção cultural da fronteira, sob o entendimento de que linhas que buscam demarcar diferenças são igualmente facilitadoras de formas peculiares de sociabilidades. E no contexto duma tentativa de compreender a fronteira sob a ótica da história cultural, obcecada por perceber movimentos humanos – individuais ou coletivos – no espaço e no tempo, esta proposta investigativa toma como mote a idéia de que o marco denominado fronteira decorre também das amplas relações estabelecidas por pessoas que usufruem desse lugar.

A tentativa de estabelecimento de fronteiras americanas, a partir das vontades políticas de europeus, começa a ser desenhada para as novas terras desde 1494 e se desdobram ao longo da colonização, colocando frente a frente os interesses dos espanhóis e dos portugueses. No século XVIII tais tentativas adquirem maior intensidade, especialmente por conta do aprofundamento da colonização que traz consigo diversos conflitos entre colonos – e, certamente, do confronto de interesses – das duas coroas envolvidas na conquista da América espanhola e portuguesa. E, em

* Doutor em História. Professor na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

linhas gerais, a segunda metade dos XVIII pode ser compreendida como um período relevante para o rascunho das fronteiras do futuro Brasil e das futuras nações que se originaram da fragmentação dos vice-reinados hispânicos na América. Verifica-se assim uma ampla mobilização que procurava definir os espaços físicos singulares e “controlados” por um determinado Estado, independente do reconhecimento da existência de sociedades indígenas nas áreas que seriam reconhecidas fronteiras

Sem desprezar o significado as particularidades e a densidade desses eventos sempre compreendidos como marcantes para a constituição do Brasil enquanto país, nação e do próprio estado nacional, há que se pontuar que a consolidação da fronteira vem sendo considerada uma ambiência, ou seja, uma *localidade* na qual os limites limitam procedimentos e ações tanto quanto possibilitam atitudes e impulsionam ações no sentido de dotar as restrições em possibilidades de “avançar” sobre a fronteira. As restrições que foram pensadas no contexto da separação de valores e normas de um lugar em relação ao outro sombreiam inúmeras práticas sócias que parecem mostrar claramente a limitação da vontade restritiva de marcos divisores. As perambulações realizadas nas áreas limítrofes apóiam essa afirmação, embora seja possível distinguir aqueles movimentos que não implicam em migração definitiva daqueles que se configuram como trânsitos freqüentes ou eventuais e que conferem identidade a própria fronteira.

Para esta pesquisa, um conceito-chave é o de diáspora, uma vez que ele facilita o entendimento das dispersões humanas em direções variadas. Considerando essa perspectiva é possível acompanhar Fernandes (2009), que traduz assim essa acepção:

De uma perspectiva etimológica, diáspora reflete a condição do sujeito que se encontra para além das bordas de seu grupo. A migração também diz respeito ao sujeito deslocado, o que leva a ter aproximações com os estudos diaspóricos. A diáspora como a migração implicam uma interconexão entre dois ou mais grupos. Estabelece-se tanto em um processo como no outro uma relação entre o estrangeiro e a comunidade que o hospeda. Por isso, os estudos diaspóricos servem aos de migração, pois em ambos existem questões semelhantes a serem pensadas, apesar de se tratar de processos diferentes. (FERNANDES, 2009: 85).

A proposta em tela pretende tratar, no âmbito teórico da história cultural, das expressões que se refiram as experiências históricas na fronteira brasileira-paraguaia-boliviana, em particular, na área que hoje abrange o estado de Mato Grosso do Sul. Essa área possui singularidades por diversas razões, entre as quais, pela importância de “sedar” relações históricas que induzem à indagações a respeito das noções de fronteira, região e identidade.

Essas noções parecem integrar o conjunto de preocupações que se apresentam aos historiadores que vêm se dedicando aos estudos das experiências humanas em áreas de fronteiras tanto quanto aquelas devotadas aos conflitos culturais latentes ou de baixa visibilidade que ocorrem nas fronteiras. Senão de forma plenamente estabelecida, mas por ações e expressões simbólicas, os contatos em ambiência fronteiriça expõem interesses inerentes as condições históricas das sociedades que podem ser identificadas nos indivíduos que se relacionam nesses locais.

A existência da fronteira enquanto fenômeno histórico, cujos sentidos e significados ainda permanecem no cotidiano da população sul-mato-grossense, especialmente aquela parcela que habita nas áreas próximas ao que define se como limítrofe entre o Brasil, o Paraguai e a Bolívia, especificamente onde se localiza o estado de Mato Grosso do Sul, implicam na necessidade de constantes pesquisas que revelem o que significa a fronteira enquanto limite e possibilidade no cotidiano de moradores nesses locais. Parece importante considerar que a área fronteiriça agrega historicidades diversas, especialmente quando consideradas as práticas culturais aí presentes, como por exemplo, as histórias de vida de migrantes e transeuntes brasileiros, paraguaios e bolivianos

E ainda a respeito dos procedimentos de caráter metodológico empregados nesta pesquisa, eles podem ser denominados inicialmente de convencionais, pois se correspondem com os momentos consagrados no campo histórico e que permitem a elaboração de conhecimento estabelecido enquanto saber histórico. De tal forma principia-se pela reunião de textos e conseguinte revisão bibliográfica, etapa que compreende o (re)conhecimento daqueles trabalhos voltados para a temática dessa pesquisa e que favoreçam a construção de uma visão ampla sobre o problema, sobretudo auxiliando no estabelecimento do “estado da arte”.

Etapa seguinte se estabelece com a localização, identificação e reunião das

fontes para a pesquisa. Esse momento é impar porque contempla o acesso ao material informativo, conjunto que pode ser responsável pelo sucesso ou não do trabalho. A noção de fonte aqui tomada se inspira na compreensão de Le Goff (1992), o qual sugere que todo o conjunto de artefatos produzidos pelo homem possui algum tipo de informação acerca daquele que o fabricou. Essa perspectiva supera e incorpora a velha idéia acerca do “documento”, artefato que primeiramente significou vontade do poder institucionalizado para tomar como fonte tudo o que possa contribuir para a construção do conhecimento acerca do tema, incluindo aí os documentos. Essa fase, conforme já assinalado, é relevante na medida em que o trabalho de pesquisa em história não dispensa informações advindas de fontes que possam trazer informações a respeito do tema pesquisado, garantindo algum tipo de acesso ao objeto pretérito. Para esta pesquisa, as fontes de caráter literário e orais serão empregadas com ênfase por conta do tipo de informações e do grau de intencionalidade que cada uma delas traz.

Os dois instantes sumariados acima compreendem, em linhas gerais, os momentos preliminares do trabalho de pesquisa em história e, no caso em discussão, de uma proposta de estudo inscrita na sua maior amplitude no âmbito da história cultural e dos estudos culturais, duas ambiências de construção teórico-metodológicas de pesquisas em humanidades que privilegiam a interdisciplinaridade, movendo-se no campo da história e dos estudos literários. Tal possibilidade parece atender as necessidades da presente proposta porque autoriza relacionar uma problemática, a da fronteira, com o entendimento de que juntamente com abstração a respeito do tema proposto encontram-se as experiências humanas ocorridas numa área de mobilidade social. O que se busca, nessa perspectiva, é conhecer experiências históricas em área de fronteira, visualizando as estratégias humanas que articulam e, ao mesmo tempo, desarticulam as limitações políticas, culturais, econômicas entre outras formas de distinção humana.

A fronteira passa a ser tomada e compreendida enquanto um espaço que contempla duas formas representacionais: uma terminal e outra inicial. A primeira quer indicar óbices e restrições porque indicaria o término de um modelo social, de uma ética organizadora; já segunda ocorre em diálogo com a primeira na medida em que o fim não obstrui a criatividade humana a qual estimula práticas sociais que tensionam as condições restritivas, produzindo novas sociabilidades, ou seja, outras histórias. A

fronteira, assim considerada, é múltipla quando consideradas as formas de vida, as práticas sociais e as representações que ela proporciona, estabelecendo uma espécie de circularidade na qual a experiência história ocorre em estreita ligação com as imagens construídas acerca do *lócus* e a respeito do que ali se verifica enquanto dimensão do real.

É partindo desses pressupostos que se estabelece a problemática dessa pesquisa: a fronteira brasileira-paraguaia-boliviana e as representações a seu respeito. Nessa problemática, a noção de representação quer significar a organização discursiva e imagética que contém uma suposta definição a respeito da fronteira, a qual estará enleada pelas marcas da história de cada uma das sociedades envolvidas. Por outro lado, se aposta ainda numa ênfase maior acerca das representações fronteiriças instituídas no sentido contrário a aquele instituído pela visualidade brasileira que produz uma perspectiva cêntrica, ou seja, entende que o modelo cultural definidor do outro é originário exclusivamente de seus padrões culturais. Emerge assim o desafio de apreender também a fronteira como uma construção representacional que encerra o outro e suas acepções; e mais ainda, trazendo o problema para o campo do entendimento que torne possível, por exemplo, perceber o que é a fronteira nos textos paraguaios produzidos em área fronteiriça ou ainda que a ela se refira.

A experiência vital na fronteira – experiência histórica –, nesta pesquisa, é avaliada nas manifestações escritas (textos) e nas orais (entrevistas), o que implica na construção de diversos recortes que possibilitem melhor conhecimento da problemática. Nesse contexto, a literatura, sobretudo o romance, a crônica e o conto, será tomada como produtora de uma representação que não se deslinda da historicidade. Longe de se apegar às priscas concepções que pleiteiam distinções absolutas entre literatura e história, a chave operacional aqui considera o texto literário enquanto artefato cultural intrinsecamente vincado a historicidade de uma época.

A mais instigante e complexa ligação entre a produção literária e a produção historiográfica se constitui pelo compartilhamento de ferramentas narrativas responsáveis pela consignação de uma representação a respeito do tema abordado. O polemico historiador H. White (1992) fez profundas incursões na secular problemática que envolve a narrativa histórica e seus sentidos num contexto de estabelecimento de sentidos para o passado. Esse teórico demonstrou que embora não exista equivalência

absoluta entre os textos forjados por historiadores e escritores (literatos), é indispensável observar o compartilhamento de estratégias representacionais entre esses dois construtores de sentidos para o mundo.

Não é razão desta proposta abordar o debate história e literatura; tão somente se quer agora sublinhar que o trabalho historiográfico em sua própria constituição estabelece vínculos que permitem ao pesquisador enfrentar seus objetos pelo viés interdisciplinar. As representações a respeito da Fronteira se ajustam a esse contexto porque revela certa mobilidade do próprio objeto: é possível escrever sobre a fronteira a partir de ângulos e campos diversos entre si, mas parece difícil dispensar a unicidade do tema quando avaliado como resultado do construto humano. A articulação pensada para esta investigação quer compreender a fronteira na sua dupla dimensão: experiência histórica e representação histórico-literária.

A presença das fontes orais, resultantes de entrevistas a serem produzidas com moradores da região de fronteira, especialmente os da cidade de Dourados-MS, acrescentará à pesquisa a perspectiva de discutir o fenômeno da memória e da identidade. Como resultado da proximidade – e das aproximações – a cidade de Dourados, distante cerca de 120 quilômetros da fronteira com o Paraguai possui uma significativa parcela de seus moradores cuja ascendência migrou para o então estado de Mato Grosso, sem esquecer aqueles que continuam a se locomover na líquida fronteira.

Ao focar a fronteira brasileira e paraguaia, especialmente, aquela inserida entre as duas cidades de Ponta-Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), destaca-se a importância das relações culturais ali verificadas, considerando-se a cultura como o conjunto de práticas sociais amplas o suficientes inclusive para contemplar as trocas econômicas. De uma forma rudimentar é possível elencar algumas características que significam a *priori* a fronteira em referência: um lugar razoavelmente perigoso, local ideal para turismo de compras de objetos estrangeiros, portal de entrada de drogas, ambiente de comércio de produtos falsificados, espaço para de jogos de azar e prostituição, entre muitas outras práticas legal ou moralmente questionáveis. Essa breve relação aponta, na verdade, para um amplo campo de possibilidades que implicam na transgressão da estrutura legal de uma área fronteiriça ao mesmo tempo em que legitimam esse fenômeno histórico.

As diversas relações que marcam a historicidade contemporânea na Fronteira

mencionada imprimem características que modelam formas de “ser” e “estar” no ambiente e entre essas marcas é possível identificar a transitoriedade humana e de sociabilidades, as quais se articulam e se diluem ao sabor de interesses imediatos ou que implicam maior extensão temporal. Esse tipo de situação parece reconfigurar o sentido e a própria prática fronteiriça ao negar a existência de um limite absoluto e concreto, articula ou forja outros componentes que atualizam a fronteira enquanto representação que distingue e separa.

Para Marc Augé, num pequeno ensaio acerca da mobilidade, o tempo presente aumenta a noção de espaço tanto quanto institui a ilusão do desmanche das desigualdades, aparentemente corrompida pelo fenômeno da globalização, no entanto,

Novas fronteiras se desenham, ou antes, novas barreiras se erguem seja entre países pobres e ricos, seja no interior dos países subdesenvolvidos ou de países emergentes, entre os setores ricos, figurando na rede da globalização tecnológica e econômica e os outros. De um ou outro lado, os que sonham com uma sociedade mais humana, e consideram que o planeta é sua pátria, não podem ignorar nem a força dos enclausuramentos comunitários, nacionais, étnicos ou outros, que desejam redefinir fronteiras, nem o expansionismo dos proselitismos religiosos, que sonham conquistar o planeta desordenando todas as fronteiras. (AUGÉ, 2010: 21-22).

E ao destacar a presença e o lugar da fronteira como um evento atual, Augé insiste na sua presença e funcionalidade, sob o entendimento de que vivemos uma historicidade controversa e:

Portanto, precisamos atualmente repensar a fronteira, essa realidade constantemente renegada e reafirmada. O fato é que ela se reafirma constantemente sob formas enrijecidas, que funcionam como interditos e provocam exclusões. É preciso repensar a noção de fronteira para tentar compreender as contradições que afetam a história contemporânea. (AUGÉ, 2010: 23-24).

A fronteira entre o Brasil e o Paraguai, sempre lembrada como uma “fronteira-seca” se ajusta em boa medida ao entendimento de Augé, especialmente quando se considera que os trânsitos ali verificados ocorrem em estreita sintonia com o regime de historicidade contemporâneo. Para ser mais pontual, o desenvolvimento econômico brasileiro verificado na última década e o mais recente abalo econômico ocorrido em 2008, a partir dos Estados Unidos, produziram reflexos diretos no cotidiano fronteiriço.

O crescimento econômico brasileiro estimulou a ampliação do movimento comercial na fronteira paraguaia, especialmente em Pedro Juan, cidade fortemente marcada pela presença de lojas de variadas dimensões, além do comércio “nas barraquinhas” e que estrutura a partir das demandas dos turistas brasileiros, sempre ávidos pelos produtos oferecidos. Essa localidade se transformou num grande mercado no interior do qual é possível encontrar produtos de origem estadunidense ou europeus, fabricados em países asiáticos. Mercadorias sedutoras pelo seu valor de uso e pela representação que sustentam; produtos eletroeletrônicos, bebidas, perfumes, drogas e outras mercadorias podem ser adquiridas sem nenhum obstáculo.

Grandes empresas como a estatal Petrobrás também se fazem presente na área e no Paraguai como um todo, revelando o potencial da economia brasileira ao incorporar fatias significativas do mercado vizinho. Verifica-se assim que a fronteira não é mais tão seca, mas que ela vai se reconfigurando face aos movimentos que ocorrem em âmbito interno e externo, permitindo que a limitação se institua por outros parâmetros. Em na crise verificada em 2008, a fronteira se ressentiu nos seis primeiros meses, voltando a normalidade a partir da constatação mais efetiva de que o Brasil foi pouco afetado pelo solavanco iniciado pela crise imobiliária estadunidense.

Longe de findar a discussão, pode-se afirmar que o Brasil e Paraguai, no contexto das discussões a respeito do que é a fronteira contemporaneamente, são países cujas economias estão globalizadas e, profundamente ligadas. O atendimento à demanda brasileira por alguns produtos passa , sem grande margem para dúvidas, pela prática comercial fronteiriça, especialmente por aquela que ocorre em desconformidade com a legislação em vigor. A fronteira, nesse sentido, mais do que separar concatena interesses que implicam em formas nem sempre simpáticas de se enxergar o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª. Ed., São Paulo/Recife: Cortez/Massagana, 2001.

_____. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. In. **FRONTEIRAS**, Revista de História. No. 17. Vol. 10. Dourados: EdUFGD, 2008. p. 55-68

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar; as fronteiras da discórdia.** São Paulo: Cortez, 2007.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas; reflexões sobre o nacionalismo.** São Paulo: Cia das Letras, 2008.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade.** Trad. Bruno César Cavalcanti e Rachel R. de A. Barros. Maceió/São Paulo: Edunesp/EdUFAL, 2010.

_____. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos.** Trad. Clarisse Meireles e Leneide Duarte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas.* São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CANCLINI, Néstor. G. **Culturas híbridas; estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 1997. 392p.

_____. **Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização.** 4a. ed. trad. Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2001. 290p.

CARDOSO, Ciro F., VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história.* R. de Janeiro: Campus, 1997.

CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito; religião civil e comemoracionismo.** Fortaleza: NUDOC, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações.* Lisboa: DIFEL, 1990.

DIEL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica; memória, identidade e representação.** Bauru: Edusc, 2002.

FERNANDES, Frederico. A poética da migração: narrativas orais açorianas na província de Ontário. In. **CERRADOS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura.** no. 28. Brasília: EdUNB, 2009. p.85-97.

FREYRE, Gilberto. **Região e tradição.** 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Gráfica Record, 1968.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.* B. Horizonte: Humanitas, 1999.

_____. **Memória de Ulisses; narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga.** Belo Horizonte: EdUFMG, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora; identidades e mediações culturais.** Trad. Vários. Belo Horizonte/Brasília: EUFGM/UNESCO/Humanitas, 2003. 434p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e Fronteiras**. 3a. ed., São Paulo: Cia das Letras, 1994.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In:____. **Representações sociais**; investigações em psicologia social. 6a. ed., Petrópolis: Vozes, 2009.

RADDING, Cynthia. **Paisajes de poder e identidade: fronteiras imperiales em El Desierto de Sonora y Bosques de la Amazonía**. Versión em castellano: Rose Marie Vargas Jastram. Sucre: Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolívia, 2005.

SANTOS, Luis Alberto B. e PEREIRA, Maria Antonieta (orgs.). **Trocas culturais na América Latina**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Historia e Memória**. Campinas: Edunicamp, 1992.

LE GOFF, J.; NORA, P. **História: novos problemas, novos objetos, novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. 3 v.

OLIVEIRA, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais**; Brasil-Uruguaí-Argentina. Cotia: Atêlie, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia L. **Americanos; representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000. 224p.

PESAVENTO, Sandra J. (org.). **História Cultural; experiências de pesquisa**. Porto Alegre: EDUFGRS, 2003.244p.

WILCOX, Robert W. Os paraguaios na construção do extremo oeste do Brasil, 1870-1935. In. **FRONTEIRAS**, Revista de História. No. 17. Vol. 10. Dourados: EdUFGD, 2008. p. 11-54.

WHITE, Hayden. **Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX**. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Edusp, 1992. 464p.

____. **Trópicos do Discurso**: Ensaio Sobre a Crítica da Cultura. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Edusp, 1994. 312p. (Col. Ensaio de Cultura, vol. 6).